



DOCUMENTO DE APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

SÉRIE MÉTODO FORTHYS

GESTÃO ESTRATÉGICA DA SEGURANÇA

PATRIMONIAL

Apresentação, fundamentos, metodologia e estrutura da série

Magna Fernandes

Executiva de Segurança Empresarial | Fundadora da Forthys Empresarial

Sumário

Nota Metodológica	3
Sobre a Autora	5
Parte 1 — A Origem do Método Forthys	6
Parte 2 — Apresentação da Série	14
Parte 3 — Fundamentos do Método Forthys	17
Parte 4 — Estrutura da Série.....	21
Parte 5 — Jornada Metodológica	23
Parte 6 — Documentos da Série	25
Parte 7 — Como Utilizar a Metodologia	33
Parte 8 — Resultados Esperados	36
Conclusão	40

Nota Metodológica

SÉRIE MÉTODO FORTHYS — NOTA METODOLÓGICA

EXPERIÊNCIA, MÉTODO E TECNOLOGIA

Como a experiência prática e a inteligência artificial trabalham juntas para desenvolver conteúdos técnicos confiáveis

Aos 50 anos, passei a incorporar a inteligência artificial de forma estratégica no desenvolvimento dos meus métodos, consultorias e materiais técnicos. Mas essa jornada não começou com a IA.

Ela é resultado de mais de 25 anos de atuação na área de Segurança Corporativa e Patrimonial, conduzindo análises de riscos, estruturando processos, realizando diagnósticos organizacionais, treinando equipes operacionais e lideranças e participando de projetos em empresas de diferentes segmentos e portes.

A inteligência artificial não substituiu essa experiência. Apenas ampliou minha capacidade de produzir, organizar e transformar conhecimento em soluções de forma mais eficiente.

Hoje consigo consolidar informações com maior rapidez, cruzar cenários, explorar diferentes hipóteses e estruturar documentos técnicos com muito mais produtividade. Porém, todas as análises, critérios, metodologias, decisões e recomendações continuam sendo fundamentadas na experiência prática adquirida ao longo de décadas de atuação.

O maior ganho não foi tecnológico.

Ao reduzir o tempo gasto com tarefas repetitivas de organização e estruturação, passei a dedicar ainda mais energia ao que realmente exige conhecimento especializado: compreender o contexto da organização, identificar as causas dos problemas, avaliar riscos, conversar com as lideranças, estabelecer prioridades e definir estratégias realmente aplicáveis.

A inteligência artificial tornou meu trabalho mais produtivo, mas nunca substituiu o olhar crítico, a capacidade de análise e a experiência profissional construída ao longo da minha carreira.

A IA acelera processos. A experiência toma decisões.

Por esse motivo, todos os documentos, métodos, checklists, modelos e processos apresentados nesta série foram estruturados com o apoio de inteligência artificial como ferramenta de

produtividade, porém são baseados em metodologias consolidadas e na experiência prática de uma especialista com mais de 25 anos de atuação em Segurança Corporativa.

A tecnologia organiza, acelera e potencializa. O conhecimento, os critérios técnicos e a responsabilidade pelo conteúdo continuam sendo exclusivamente humanos.

Magna Fernandes

Executiva de Segurança Empresarial | Fundadora da Forthys Empresarial

FORTHYS EMPRESARIAL

Análise de Riscos | Gestão Estratégica da Segurança | Investigação Corporativa | Compliance | Governança | ESG | LGPD

Sobre a Autora

Magna Fernandes

Executive and Head of Corporate Security | Risks | Loss Prevention | Governance | Compliance | Business Investigation
| Forthys Empresarial

Fundadora da Forthys Empresarial, Magna Fernandes é docente do Senac na área de Segurança em Condomínios e formada pela Universidade Bandeirante de São Paulo no curso superior de Gestão de Segurança Empresarial. Possui MBA em Gestão de Riscos Corporativos pela Faculdade de Administração de São Paulo, MBA em Compliance e Governança pela Unifecaf e MBA em Gestão de Marketing e Negócios pela Faculdade Focus.

Com quase três décadas de carreira dedicadas à Segurança Empresarial — cuja trajetória completa está narrada na Parte 1 deste documento —, já atuou em organizações de diversos segmentos: varejo, indústria automobilística e metalúrgica, construção civil, eventos e entretenimento, logística, condomínios e consultoria de prevenção de riscos. É Auditora Líder nas normas ISO 37001:2017 (Sistema de Gestão Antissuborno), ISO 45001:2018 (Saúde e Segurança Ocupacional) e ISO 9001:2015 (Gestão da Qualidade).

Fundou a Forthys Empresarial em 2013, onde conduz projetos de Análise de Riscos e Diagnóstico de Segurança, investigação corporativa e apuração de ilícitos, implementação e gestão de canais de denúncia, elaboração de políticas, normas e procedimentos, e treinamentos especializados — estruturados sobre os cinco pilares da proteção corporativa: informação, processos, pessoas, tecnologia e controle de qualidade.

Todo o trabalho da autora é pautado por Reputação, Transparência, Ética, Responsabilidade, Compliance, Governança, Estrutura Organizacional, Controladoria, ESG e LGPD.

PARTE 1

A Origem do Método Forthys

A construção do Método Forthys não começou com a criação de uma metodologia.

Começou muito antes, a partir da vivência direta em diferentes ambientes empresariais e da percepção recorrente de um mesmo problema: a segurança frequentemente era tratada como uma atividade operacional, mas sem a estrutura, os processos, a capacitação e a gestão necessários para produzir resultados consistentes.

Ao longo de quase três décadas, diferentes experiências profissionais permitiram observar esse cenário sob perspectivas distintas — do varejo à indústria, da construção civil aos eventos, da logística à consultoria.

E foi justamente a repetição desses desafios que trouxe uma pergunta que acompanhou essa trajetória:

Como transformar a segurança patrimonial em uma área estruturada, técnica, organizada e capaz de contribuir efetivamente para a estratégia da organização?

O relato a seguir reconstrói essa trajetória, ano a ano, situação a situação — não como uma sucessão de capítulos independentes, mas como uma única história contínua, na qual cada experiência se soma à anterior até desembocar na criação do Método Forthys.

1996 — O Primeiro Olhar sobre a Segurança

Ainda atuando no varejo, no segmento de supermercados, já era possível perceber importantes fragilidades na forma como a segurança era conduzida.

Havia profissionais sem preparação adequada para a função, ausência de procedimentos estruturados e uma abordagem muitas vezes excessivamente reativa diante de ocorrências de furto.

Em determinadas situações, a atuação ultrapassava os limites de uma abordagem profissional e resultava em práticas inadequadas, inclusive envolvendo pessoas vulneráveis.

Essa experiência trouxe uma primeira percepção que permaneceria ao longo dos anos:

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Segurança sem capacitação, método e limites claros pode transformar um problema operacional em um problema ainda maior para a organização.

Naquele momento, ainda não existia uma metodologia estruturada, mas já começava a surgir uma inquietação profissional: por que uma atividade tão importante para as organizações era conduzida, muitas vezes, sem preparação, processos e critérios claramente definidos?

2001 — A Decisão de Entrar Profissionalmente na Segurança

Em uma nova experiência no varejo, o contato com a realidade da segurança reforçou essa percepção. Novamente estavam presentes problemas relacionados à preparação dos profissionais, aos procedimentos e à forma de condução das ocorrências.

Foi nesse contexto que surgiu a decisão de ingressar formalmente na área de segurança. Em 2001, foi realizado o curso de formação de vigilante em uma das escolas de formação de referência daquele período. A partir daí, iniciou-se uma trajetória profissional diretamente ligada à operação de segurança.

A atuação em eventos também revelou outro desafio recorrente: a ausência de capacitação adequada para lidar com situações que exigiam controle, postura profissional, comunicação e tomada de decisão. Essas experiências permitiram compreender a segurança não apenas sob a perspectiva de quem observa uma operação, mas também de quem está diretamente inserido nela.

2005 — A Segurança Dentro da Indústria

A migração para o ambiente industrial trouxe uma nova perspectiva. O problema já não estava apenas na atuação individual dos profissionais. Havia também uma questão estrutural: faltavam processos.

Não existiam manuais de normas e procedimentos adequadamente estruturados, havia deficiência na preparação dos profissionais e o fluxo de entrada e saída de pessoas e veículos apresentava oportunidades significativas de melhoria.

Essa experiência mostrou que a segurança não poderia depender exclusivamente da experiência ou da postura de quem estava no posto. Era necessário documentar, padronizar e organizar processos. Começava a se consolidar uma percepção que posteriormente se tornaria um dos fundamentos do Método Forthys:

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

A segurança precisa ser estruturada para funcionar independentemente de uma única pessoa.

2008 — A Segurança Começa a Ser Analisada como Processo

A atuação em consultoria representou uma mudança importante nessa trajetória. Em uma grande construtora, o trabalho passou a envolver a elaboração de Manuais de Normas e Procedimentos,

utilizando a análise dos processos como base para compreender as necessidades de segurança. Essa experiência trouxe uma constatação fundamental:

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Antes de criar um procedimento de segurança, é necessário compreender o processo que ele precisa proteger.

A segurança começava a ser observada de uma maneira mais ampla. Não bastava determinar o que o profissional deveria fazer. Era necessário compreender o processo, os riscos, os responsáveis, os controles e a forma como cada etapa deveria funcionar. Essa visão aproximava definitivamente a segurança operacional da gestão.

2009 — A Liderança e o Desafio da Execução

Em uma grande operação industrial, já ocupando uma posição de liderança, novos problemas vieram à tona. Existiam profissionais que não demonstravam o comprometimento esperado com suas responsabilidades e situações em que os controles operacionais não eram executados de maneira adequada, incluindo inconsistências nos registros das rondas.

Mais uma vez, ficou evidente que o problema não estava apenas no indivíduo. Era necessário compreender a relação entre:

PROCESSO + SUPERVISÃO + CAPACITAÇÃO + CONTROLE + GESTÃO

Uma operação pode possuir procedimentos formalmente definidos e, ainda assim, apresentar resultados insatisfatórios quando não existe uma estrutura de acompanhamento capaz de garantir sua execução. Essa experiência aprofundou a compreensão sobre o papel da liderança na segurança.

2013 — A Visão de Gestão se Amplia e Nasce a Forthys

Em 2013, atuando como gerente de prevenção de riscos em uma consultoria de origem israelense, a atuação passou a envolver diferentes operações da construção civil. O cenário revelou desafios ainda mais complexos: ausência de metodologias estruturadas, dificuldades de gestão em campo e resultados diretamente influenciados pela falta de processos, análise adequada e preparo das lideranças. A responsabilidade envolvia a gestão de dez obras em diferentes regiões do Estado de São Paulo.

Foi a partir dessa experiência que surgiu uma decisão que mudaria definitivamente essa trajetória profissional: fundar a Forthys Empresarial.

A decisão nasceu de uma inquietação construída ao longo de anos de experiência: era preciso construir um cenário diferente. Um cenário no qual a segurança pudesse ser estruturada por meio de processos, metodologias, qualificação profissional, planejamento e gestão.

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

A Forthys Empresarial nasceu como uma resposta prática a uma realidade observada repetidamente em diferentes operações. Não se tratava apenas de identificar problemas. Era necessário construir processos capazes de preveni-los, organizar a operação e apoiar a tomada de decisão. Era preciso deixar de apenas identificar os problemas e começar a construir métodos para solucioná-los.

2015 — Segurança em Grandes Eventos

Em 2015, o retorno ao segmento de eventos e entretenimento, com atuação na Fórmula 1, apresentou outro tipo de desafio. Profissionais posicionados em áreas de grande relevância precisavam exercer uma função de proteção, mas foram identificadas situações em que alguns deles utilizavam sua posição para retirar indevidamente produtos e materiais do ambiente em que deveriam atuar na proteção, como bonés, camisetas e outros itens.

A experiência demonstrou novamente que a presença física de um profissional não representa, por si só, segurança. Era necessário garantir:

SELEÇÃO + TREINAMENTO + SUPERVISÃO + PROCESSOS + CONTROLES + CULTURA DE SEGURANÇA

Mais uma vez, pessoas, processos e gestão apareciam como elementos inseparáveis.

2019 — Terceirização e a Experiência em Diferentes Segmentos

Em 2019, a atuação como consultora junto a uma empresa de terceirização de serviços de segurança ampliou significativamente a experiência em diferentes segmentos. Essa atuação permitiu acompanhar realidades distintas e compreender de perto os desafios enfrentados tanto pelas empresas contratantes quanto pelas equipes terceirizadas. Entre os segmentos de maior destaque estavam os condomínios.

Nesse ambiente, era possível observar uma situação particularmente preocupante: postos de segurança sendo implantados e ocupados por profissionais sem qualificação adequada para a função e, em muitos casos, sem treinamento compatível com as responsabilidades que assumiriam. Também eram encontrados desafios relacionados às equipes de liderança, ausência de processos estruturados e utilização de manuais genéricos em diferentes operações.

Essa experiência reforçou uma convicção que já vinha sendo construída desde os primeiros anos:

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Não basta colocar uma pessoa em um posto de segurança. É necessário preparar o profissional, estruturar o processo, definir responsabilidades e criar mecanismos de acompanhamento e controle.

A atuação em diferentes segmentos também demonstrou que cada operação possui características, riscos e necessidades próprias. Por isso, simplesmente reproduzir modelos genéricos de segurança não é suficiente. A segurança precisa ser construída a partir do contexto, dos processos, dos riscos e das características de cada organização.

2023 — Quando o Problema Está no Próprio Sistema

Em 2023, na coordenação de uma equipe de segurança em uma indústria metalúrgica, surgiram novamente desafios relacionados ao comprometimento das equipes e à atualização dos processos. Havia profissionais antigos que já não demonstravam o comprometimento esperado com a segurança e que encaravam sua atuação predominantemente como uma atividade de manutenção do emprego, sem o nível de responsabilidade necessário para a função.

Ao mesmo tempo, os Manuais de Normas e Procedimentos existentes apresentavam um problema estrutural: eram documentos antigos, com mais de dez anos, sem revisões adequadas ao longo desse período. Essa experiência evidenciou outro princípio fundamental:

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Um documento de segurança não termina quando é elaborado. Ele precisa ser acompanhado, revisado e atualizado conforme a organização, seus processos, seus riscos e suas necessidades evoluem.

2025 — A Segurança Diante de Estruturas Complexas

Em 2025, na atuação em um centro logístico, foi possível observar uma estrutura na qual diferentes empresas terceirizadas participavam da operação de segurança. Na entrada principal, a atividade era realizada por profissionais terceirizados que, tecnicamente, desempenhavam suas funções. Internamente, entretanto, a operação de segurança era conduzida por outra empresa terceirizada, cenário que evidenciava diferenças na preparação, treinamento e capacitação das equipes.

Também foram observadas situações em que profissionais em posições de liderança utilizavam sua autoridade para criar exceções ou flexibilizar normas de segurança, colocando decisões individuais acima dos procedimentos estabelecidos. Essa experiência reforçou um princípio essencial:

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Uma norma só é efetiva quando existe uma estrutura de gestão capaz de sustentá-la. Não basta possuir procedimentos escritos. É necessário que existam liderança, responsabilidades, fiscalização, treinamento, controles e cultura organizacional para garantir sua aplicação.

O Que Essas Experiências Ensinaram

Quando essa trajetória é analisada em perspectiva, existe um padrão que se repete.

Mudam as empresas. Mudam os segmentos. Mudam os profissionais. Mudam os riscos. Mas determinados desafios continuam presentes:

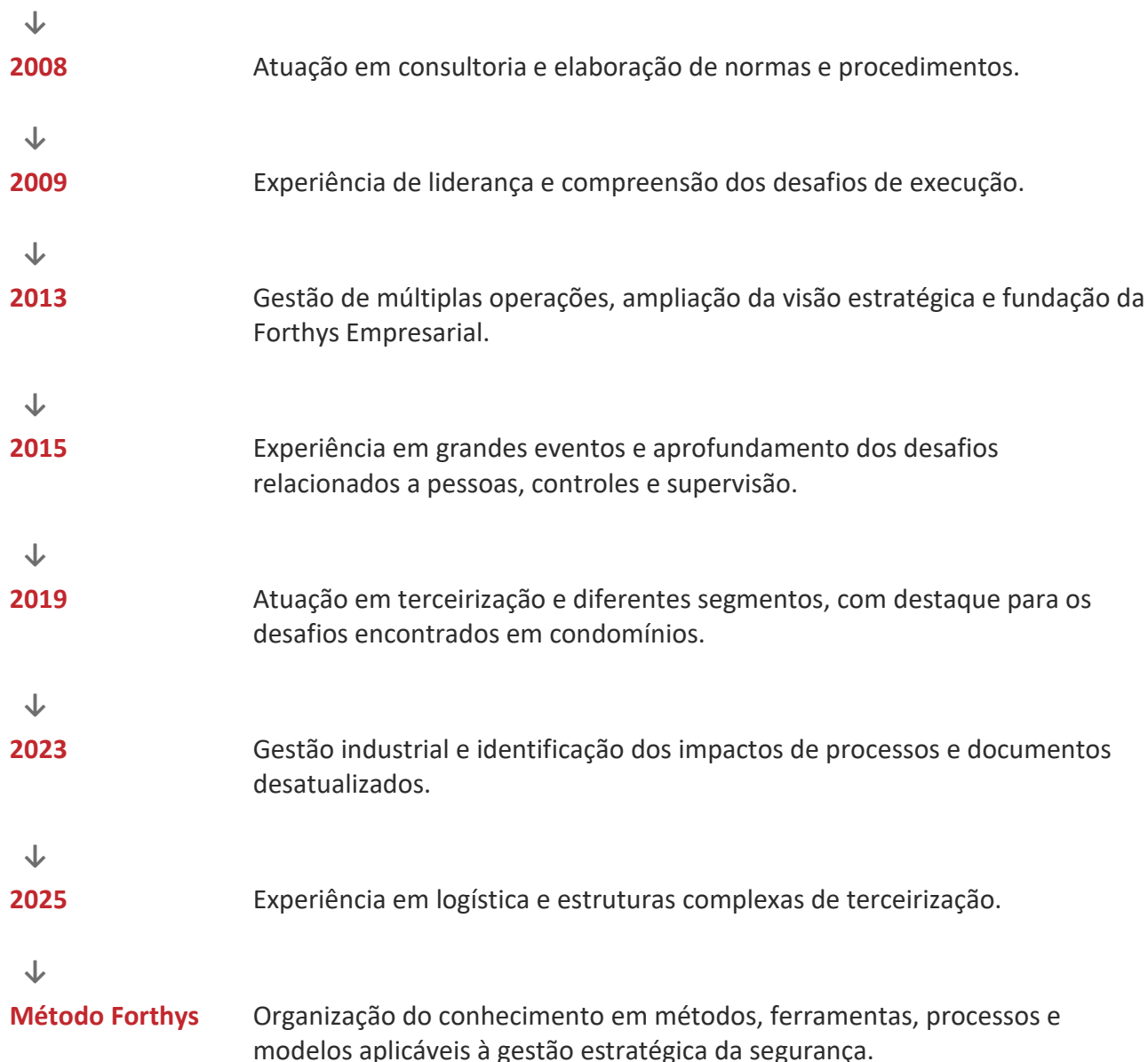
- falta de capacitação
- ausência de processos
- procedimentos desatualizados
- lideranças despreparadas
- falta de análise
- ausência de indicadores e controles
- decisões baseadas exclusivamente na experiência
- utilização de modelos genéricos
- segurança tratada predominantemente como custo

Foi a partir dessa constatação, construída ao longo de diferentes experiências, que uma visão diferente começou a se consolidar. A segurança não deveria ser vista apenas como uma estrutura destinada a reagir a ocorrências. Ela precisa ser compreendida como uma área de gestão, prevenção, análise, planejamento e tomada de decisão.

Da Experiência à Metodologia

O Método Forthys é resultado dessa trajetória. Ele não surgiu de uma única experiência, nem de uma única operação. Foi construído a partir da observação de diferentes ambientes, diferentes desafios e diferentes formas de atuação na segurança. A jornada pode ser compreendida como:

- | | |
|-------------|---|
| 1996 | Primeiras percepções sobre as fragilidades da segurança. |
| ↓ | |
| 2001 | Entrada formal na área de segurança e vivência operacional. |
| ↓ | |
| 2005 | Experiência industrial e percepção da necessidade de processos. |



Nenhuma dessas setas representa um salto instantâneo. Entre cada etapa houve anos de atuação profissional que testaram, corrigiram e amadureceram o raciocínio original até que ele pudesse ser formalizado como metodologia proprietária.

O Propósito do Método Forthys

Experiência, por si só, não é suficiente. Uma pessoa pode acumular anos de atuação e continuar reproduzindo os mesmos modelos de trabalho. O verdadeiro valor da experiência está na capacidade de aprender com aquilo que foi observado, identificar padrões, estruturar conhecimento e transformá-lo em processos que possam ser aplicados de maneira organizada.

Foi esse caminho que orientou a construção do Método Forthys. A proposta não é simplesmente apresentar respostas prontas. É proporcionar ao profissional uma estrutura para compreender,

analisar, planejar, documentar, implementar e acompanhar a segurança dentro de diferentes realidades organizacionais.

Ao longo dessa trajetória, uma convicção se tornou cada vez mais clara:

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Segurança não se sustenta apenas pela presença de profissionais. Ela se sustenta por pessoas preparadas, processos estruturados, conhecimento técnico, controles, análise e gestão.

É essa visão que orienta o Método Forthys — Gestão Estratégica da Segurança Patrimonial. Uma metodologia construída a partir da experiência profissional e da observação da realidade empresarial, com o propósito de contribuir para que a segurança deixe de ser percebida apenas como uma função operacional ou como um centro de custo e passe a ser tratada como uma área estruturada de gestão, prevenção, análise e tomada de decisão.

Da operação à estratégia. Da experiência ao método. Do conhecimento à gestão.

PARTE 2

Apresentação da Série

2.1 O que é a Série Método Forthys

A Série Método Forthys — Gestão Estratégica da Segurança Patrimonial é uma metodologia estruturada de conhecimento e aplicação, voltada a apoiar profissionais na compreensão, estruturação, organização e gestão da segurança patrimonial.

Ela reúne conhecimento técnico, métodos de trabalho, ferramentas operacionais, modelos de documentos e materiais de referência, organizados em uma sequência lógica — não como uma coleção avulsa de arquivos, mas como uma jornada de desenvolvimento profissional com início, meio e direção definidos.

2.2 Propósito

A análise de riscos continua sendo um dos pilares centrais da metodologia — é, na prática, o ponto de partida de toda a jornada. Mas ela não representa, sozinha, toda a proposta da série. A análise de riscos identifica o que está errado ou vulnerável; a gestão estratégica da segurança patrimonial é o que se faz com essa informação.

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

A análise de riscos é o ponto de partida. A gestão estratégica da segurança patrimonial é o objetivo.

Essa distinção é o que sustenta o reposicionamento da série. Um profissional que apenas identifica vulnerabilidades produz diagnósticos. Um profissional que sabe transformar esses diagnósticos em prioridades, planos, diretrizes, procedimentos, respostas e planejamento estratégico exerce, de fato, gestão.

A Série Método Forthys nasceu da observação direta, ao longo de mais de 25 anos de atuação em segurança empresarial, de desafios recorrentes enfrentados por profissionais de segurança patrimonial — independentemente do porte da organização ou do segmento de atuação. O propósito da série é transformar esse conhecimento disperso em uma sequência lógica de gestão — reunindo, em uma arquitetura única, o conhecimento técnico, os métodos de trabalho, as ferramentas operacionais e os modelos de documentos necessários para que o profissional percorra, com autonomia, o caminho do diagnóstico à gestão estratégica.

2.3 Para quem foi desenvolvida

A Série Método Forthys foi desenvolvida para atender diferentes perfis profissionais, todos direta ou indiretamente relacionados à gestão da segurança patrimonial.

Gestores de Segurança Privada

Encontram na série uma metodologia estruturada que dialoga diretamente com suas atribuições legais e técnicas, apoiando a condução de diagnósticos, análises e planejamento estratégico com maior consistência e defensabilidade técnica.

Coordenadores de Segurança

Encontram ferramentas práticas para estruturar processos, padronizar procedimentos e organizar a operação de segurança sob sua responsabilidade direta.

Supervisores de Segurança

Desenvolvem uma compreensão mais ampla do processo de gestão de riscos, o que fortalece sua capacidade de identificar vulnerabilidades em campo e comunicá-las de forma tecnicamente estruturada aos níveis superiores.

Profissionais que atuam na gestão de segurança patrimonial

Ganham acesso a uma metodologia completa, aplicável independentemente do segmento específico em que atuam — indústria, condomínios, varejo, entre outros.

Profissionais que desejam assumir funções de liderança

Encontram, na série, uma oportunidade de desenvolver antecipadamente as competências técnicas e estratégicas normalmente exigidas em posições de gestão, fortalecendo sua preparação para essa transição de carreira.

Consultores de segurança

Ganham uma metodologia estruturada e documentos técnicos de referência que apoiam a padronização e a qualidade técnica dos serviços de consultoria prestados a diferentes clientes.

Profissionais responsáveis por riscos, proteção patrimonial e planejamento

Encontram uma metodologia específica de segurança patrimonial que complementa, com profundidade técnica própria, sua atuação mais ampla em gestão de riscos corporativos.

Profissionais que desejam ampliar sua visão estratégica

Encontram, especialmente nos documentos de maior maturidade da série — a Política de Segurança e o Plano Diretor —, um caminho estruturado para desenvolver visão sistêmica e capacidade de planejamento de longo prazo.

A SÉRIE FOI CONSTRUÍDA PARA...

A série foi construída para atender tanto quem já atua na área e busca aprofundamento técnico, quanto quem deseja desenvolver domínio progressivo sobre o tema. A Parte 7 detalha as diferentes formas de utilização da série conforme o objetivo de cada perfil.

2.4 O que o profissional encontrará

Ao longo da Série Método Forthys, o profissional encontra conhecimento técnico, métodos de trabalho, ferramentas operacionais — checklists, planilhas, modelos — e materiais de referência, organizados segundo a arquitetura de nove etapas detalhada na Parte 4, e disponíveis nos nove documentos apresentados na Parte 6.

Para evitar qualquer ambiguidade de posicionamento, é importante afirmar com a mesma clareza o que esta série não se propõe a ser:

ESCLARECIMENTOS IMPORTANTES

Não é uma coleção de PDFs para preenchimento mecânico — é uma metodologia que ensina o raciocínio por trás de cada ferramenta.

Não substitui formação, habilitação ou qualquer exigência legal aplicável à profissão de Gestor de Segurança Privada, conforme detalhado na Parte 3.

Não é uma série exclusivamente sobre análise de riscos — a análise de riscos é a porta de entrada de uma jornada mais ampla, que chega à gestão estratégica.

Não entrega soluções prontas para qualquer organização — os modelos e ferramentas precisam ser adaptados à realidade específica de cada contexto, conforme detalhado na Parte 7.

2.5 Como a série está estruturada

A Série Método Forthys está organizada em uma arquitetura de nove etapas conceituais — de compreender o ambiente a planejar estrategicamente —, detalhada na Parte 4 deste documento, e materializada em nove documentos técnicos, apresentados individualmente na Parte 6. A Parte 5 mostra como essas etapas e documentos se conectam em uma única jornada metodológica, e a Parte 7 orienta, na prática, como estudar e aplicar cada um deles.

PARTE 3

Fundamentos do Método Forthys

A Parte 1 explicou de onde vem o Método Forthys. Esta parte explica sobre o que ele se sustenta — os conceitos e princípios técnicos que, extraídos daquela experiência, hoje orientam toda a Série Método Forthys.

3.1 Conceitos fundamentais

Antes de avançar sobre os princípios da metodologia, é necessário alinhar a linguagem técnica que sustenta toda a série. Três conceitos, em especial, aparecem repetidamente ao longo dos nove documentos:

- **Segurança patrimonial** — o conjunto de medidas, processos e recursos voltados à proteção de pessoas, patrimônio físico, informações e operações de uma organização.
- **Risco** — a possibilidade de um evento indesejado ocorrer e afetar negativamente pessoas, ativos ou a operação, avaliado tecnicamente pela combinação de probabilidade e impacto.
- **Gestão estratégica da segurança** — a integração entre diagnóstico, planejamento, normatização e resposta, de modo que a segurança deixe de ser uma reação a eventos e passe a orientar decisões de investimento e prioridade dentro da organização.

Um quarto conceito, testado repetidamente na trajetória narrada na Parte 1, completa essa base: antes de criar um procedimento de segurança, é necessário compreender o processo que ele precisa proteger. Essa constatação é o que fundamenta a abordagem processual do Método Forthys — a segurança não deve depender exclusivamente da experiência ou da postura de quem está no posto, mas de processos documentados, padronizados e organizados, capazes de funcionar independentemente de uma única pessoa.

3.2 Princípios da metodologia

Três princípios, testados repetidamente ao longo da trajetória narrada na Parte 1, sustentam tecnicamente o Método Forthys:

- **Segurança não se sustenta apenas pela presença de profissionais** — sustenta-se por pessoas preparadas, processos estruturados, conhecimento técnico, controles, análise e gestão.
- **Um documento de segurança não termina quando é elaborado** — precisa ser acompanhado, revisado e atualizado conforme a organização evolui.
- **Uma norma só é efetiva quando existe uma estrutura de gestão capaz de sustentá-la** — liderança, responsabilidades, fiscalização, treinamento e cultura organizacional.

3.3 Visão estratégica da segurança

A visão que orienta o Método Forthys parte de uma constatação simples, mas frequentemente ignorada na prática: segurança patrimonial não é, por natureza, uma função de suporte reativa — é uma disciplina de gestão de riscos que dialoga diretamente com a governança corporativa. Tratar a segurança como área estratégica significa reconhecer que ela participa da proteção do resultado do negócio, e não apenas da proteção física de instalações.

3.4 Pessoas, processos e tecnologia

Ao longo de toda a trajetória narrada na Parte 1, um padrão se repete: falhas de segurança raramente têm uma única causa. Elas emergem do desequilíbrio entre três dimensões que precisam avançar juntas — pessoas (seleção, capacitação, cultura), processos (procedimentos documentados, controles, indicadores) e tecnologia (sistemas de monitoramento, controle de acesso, ferramentas de gestão). O Método Forthys estrutura sua arquitetura, apresentada na Parte 4, exatamente para desenvolver essas três dimensões de forma equilibrada, e não isoladamente.

3.5 Gestão baseada em riscos

O Método Forthys adota a gestão de riscos, alinhada à ISO 31000, como espinha dorsal técnica da metodologia: identificação de vulnerabilidades, análise de ameaças e consequências, avaliação de probabilidade e impacto, priorização por criticidade, e tratamento por meio de ações concretas. É essa sequência — detalhada na Parte 4 — que transforma a percepção subjetiva de risco em decisão técnica defensável.

3.6 Segurança como área estratégica

A Lei nº 14.967/2024 — Estatuto da Segurança Privada — trouxe, pela primeira vez, um marco legal específico para a profissão de Gestor de Segurança Privada, definindo com maior clareza suas atribuições técnicas.

TEXTO LEGAL

“Análise de riscos e definição e integração dos recursos físicos, humanos, técnicos e organizacionais a serem utilizados na mitigação de riscos.” — Art. 26, inciso I, alínea “a”, da Lei nº 14.967/2024.

O mesmo artigo também atribui ao Gestor de Segurança Privada a elaboração de projetos para implementação de estratégias de proteção e a realização de auditorias de segurança — competências que dialogam diretamente com os documentos de maior maturidade desta série, como o Plano Diretor de Segurança Patrimonial.

A análise de riscos está diretamente relacionada às atribuições legais do Gestor de Segurança Privada. Por isso, compreender como diagnosticar riscos, avaliar cenários, definir prioridades e transformar informações em decisões é uma competência estratégica para quem ocupa — ou pretende ocupar — posições de gestão nessa área. Essa relação direta entre a metodologia proposta

pela série e as atribuições legais da função reforça a relevância profissional do conteúdo desenvolvido ao longo dos nove documentos que a compõem.

ESCLARECIMENTO IMPORTANTE

A Lei nº 14.967/2024 não determina que todo Gestor de Segurança Privada deva possuir uma certificação específica em análise de riscos.

Esta série não substitui formação, habilitação ou qualquer requisito legal aplicável ao exercício da profissão.

O que se afirma, com precisão, é que os conhecimentos e competências desenvolvidos ao longo da série estão diretamente relacionados às atividades de gestão e segurança patrimonial previstas na legislação — e não que a legislação exige, especificamente, a conclusão desta série.

Referenciais técnicos e metodológicos

A Série Método Forthys utiliza, em seus diferentes documentos, referenciais normativos, metodológicos e de boas práticas reconhecidos internacionalmente. É importante que o profissional compreenda a natureza de cada um desses referenciais — nem todos têm o mesmo caráter, e essa distinção evita interpretações equivocadas sobre obrigatoriedade.

- Requisito legal — norma jurídica de observância obrigatória, como uma lei ou decreto.
- Norma técnica — padrão técnico internacional ou nacional, formalmente publicado por organismo de normalização, mas cuja adoção pode ou não ser obrigatória conforme o contexto contratual, regulatório ou setorial.
- Referência metodológica — modelo conceitual amplamente reconhecido, utilizado como base de estruturação, sem caráter normativo formal.
- Boa prática de mercado — prática consolidada pela experiência do setor, sem status normativo ou legal.

Referencial	Natureza	Papel na metodologia
Lei nº 14.967/2024 (Estatuto da Segurança Privada)	Requisito legal	Fundamenta a relevância profissional da análise de riscos para o Gestor de Segurança Privada (seção 3.6).
ISO 31000	Norma técnica internacional	Estrutura o processo de identificação, análise e avaliação de riscos (Documento nº 3).
ISO 22320	Norma técnica internacional	Referência para gestão de resposta a incidentes e emergências (Documento nº 8).
ISO 22301	Norma técnica internacional	Referência para continuidade de negócios, utilizada no Plano Diretor (Documento nº 9).
COSO ERM	Referência metodológica	Apoia a visão estratégica de gestão de riscos corporativos no Plano Diretor (Documento nº 9).

ASIS Protection of Assets	Boa prática de mercado	Apoia a estruturação técnica do Plano Diretor de Segurança (Documento nº 9).
---------------------------	------------------------	--

PONTO DE ATENÇÃO

Nenhuma das normas técnicas ou referências metodológicas citadas nesta série é apresentada como exigência obrigatória para qualquer organização.

Cada organização deve avaliar, com apoio jurídico e técnico próprio, quais normas são efetivamente aplicáveis à sua realidade contratual, setorial e regulatória.

O uso desses referenciais na estruturação dos documentos tem como objetivo conferir consistência técnica à metodologia, alinhando-a a padrões reconhecidos internacionalmente.

PARTE 4**Estrutura da Série**

A Série Método Forthys pode ser compreendida como uma arquitetura composta por nove etapas conceituais — uma sequência de raciocínio que estrutura, do início ao fim, o trabalho de gestão da segurança patrimonial. Cada etapa desta arquitetura conceitual corresponde, na prática, a um ou mais documentos da série, detalhados na Parte 6.

4.1 As nove etapas da arquitetura**1. Compreender o ambiente**

Antes de qualquer diagnóstico técnico, é necessário compreender o contexto: o tipo de organização, sua operação, seu entorno e as particularidades que tornam cada ambiente único. Essa compreensão inicial orienta todo o trabalho posterior.

2. Identificar vulnerabilidades

Etapa de observação estruturada em campo, utilizando roteiros técnicos específicos para levantar, de forma sistemática, as fragilidades existentes nos controles de segurança — tecnológicos, físicos, processuais e humanos.

3. Analisar e avaliar riscos

As vulnerabilidades levantadas são transformadas em uma análise técnica estruturada, examinando ameaças, consequências, probabilidade e impacto — chegando a uma avaliação clara do nível de risco de cada situação identificada.

4. Priorizar

Nem todos os riscos identificados podem — ou devem — ser tratados simultaneamente. A priorização técnica organiza os riscos por criticidade, orientando onde concentrar esforço e investimento primeiro.

5. Definir ações

Os riscos priorizados são transformados em recomendações concretas: o que fazer, com que urgência, e com que impacto esperado sobre a redução da exposição identificada.

6. Estabelecer diretrizes

As decisões estratégicas resultantes da análise são formalizadas em diretrizes institucionais — a política de segurança que orienta, de forma duradoura, o comportamento e as prioridades da organização.

7. Padronizar procedimentos

As diretrizes, por si só, não operacionalizam a segurança. É preciso traduzi-las em normas e procedimentos claros, com responsabilidades, rotinas e alçadas bem definidas.

8. Preparar respostas

Mesmo com controles preventivos bem estruturados, situações de emergência podem ocorrer. Esta etapa prepara a organização para responder a elas de forma estruturada, reduzindo o tempo de reação e o impacto de eventos críticos.

9. Planejar estrategicamente

No topo da arquitetura, o planejamento estratégico consolida todo o conhecimento produzido nas etapas anteriores em uma visão de longo prazo — o Plano Diretor de Segurança Patrimonial, que orienta decisões estruturais e investimentos ao longo do tempo.

4.2 Uma arquitetura, não uma lista de tarefas

É importante compreender que estas nove etapas não são compartimentos estanques, executados uma única vez e depois esquecidos. Elas formam um ciclo: o planejamento estratégico resultante da etapa 9 frequentemente aponta a necessidade de novos diagnósticos, reiniciando a arquitetura em um novo ciclo de maturidade — cada vez mais sofisticado.

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Um erro que vejo com frequência em profissionais no início de carreira é tratar cada etapa dessa arquitetura como um evento isolado — fazer o diagnóstico uma vez, entregar o relatório, e considerar o trabalho encerrado. A gestão de segurança patrimonial madura trata essa arquitetura como um ciclo contínuo: cada Plano Diretor bem executado gera, naturalmente, a necessidade do próximo diagnóstico, em um novo patamar de maturidade organizacional.

PARTE 5**Jornada Metodológica**

Esta é, talvez, a mensagem mais importante de todo este documento de apresentação: os nove materiais da Série Método Forthys não são independentes. Cada etapa produz informações que alimentam diretamente a etapa seguinte, formando uma cadeia contínua de conhecimento aplicado.

**DIAGNÓSTICO → ANÁLISE → AVALIAÇÃO → PRIORIZAÇÃO → PLANO DE AÇÃO → POLÍTICA
→ PROCEDIMENTOS → EMERGÊNCIA → PLANO DIRETOR**

Da informação coletada no campo à decisão estratégica.

Essa cadeia de valor é o que diferencia a Série Método Forthys de uma simples biblioteca de modelos. Cada documento foi desenhado sabendo exatamente o que recebe do documento anterior e o que entrega ao documento seguinte — e é essa continuidade que permite ao profissional avançar do trabalho de campo à sala de reunião com a diretoria, sem quebras de raciocínio no caminho.

Etapa	Documento / Ferramenta	O que recebe → o que entrega
1	Checklist (Indústria ou Condomínios)	Levantamento estruturado de vulnerabilidades em campo.
2	Levantamento	Consolidação dos achados de campo, organizados por área e criticidade aparente.
3	Análise e Avaliação de Riscos	Transformação dos achados em análise técnica: ameaças, vulnerabilidades, consequências, probabilidade e impacto.
4	Matriz de Riscos 5x5	Classificação e priorização visual dos riscos identificados e analisados.
5	Plano de Ação	Tradução dos riscos priorizados em recomendações concretas, com responsáveis e prazos.
6	Política de Segurança	Formalização das decisões estratégicas em diretrizes institucionais.
7	Normas e Procedimentos	Padronização operacional das diretrizes em rotinas e responsabilidades.
8	Resposta a Emergências	Preparação estruturada para situações críticas, complementando a operação padronizada.
9	Plano Diretor	Consolidação de todo o processo em planejamento estratégico de segurança.

PONTOS DE ATENÇÃO SOBRE A CONEXÃO ENTRE OS DOCUMENTOS

Nem toda organização precisará percorrer as nove etapas de uma só vez — algumas já possuem partes da arquitetura implementadas (uma política existente, por exemplo).

A série foi desenhada para permitir entrada em qualquer ponto da cadeia, mas o valor pedagógico completo só se realiza quando o profissional compreende a jornada como um todo.

Cada documento, isoladamente, resolve um problema técnico específico — mas é a soma deles que constrói maturidade de gestão.

PARTE 6**Documentos da Série**

Este capítulo apresenta, em detalhe, os nove documentos e ferramentas que compõem a Série Método Forthys — Gestão Estratégica da Segurança Patrimonial. Para cada um, descrevemos sua finalidade, o problema que resolve, o que o profissional aprende, como pode ser aplicado, e sua relação com os demais materiais da série.

Nº	Documento	Etapas da arquitetura
1	Checklist Completo da Análise de Riscos — Indústria	Identificar vulnerabilidades
2	Checklist Completo da Análise de Riscos — Condomínios	Identificar vulnerabilidades
3	Análise e Avaliação de Riscos de Segurança Patrimonial	Analisar e avaliar riscos
4	Plano de Ação — Recomendações de Segurança Patrimonial	Definir ações
5	Matriz de Risco 5x5 e Plano de Ação (Planilha Automatizada)	Priorizar / Definir ações
6	Política de Segurança Patrimonial	Estabelecer diretrizes
7	Manual de Normas e Procedimentos de Segurança Patrimonial	Padronizar procedimentos
8	Plano de Resposta a Emergências de Segurança Patrimonial	Preparar respostas
9	Guia de Elaboração do Plano Diretor de Segurança Patrimonial	Planejar estrategicamente

6.1 Checklist Completo da Análise de Riscos — Indústria

Documento nº 1 da série. Apresenta um roteiro estruturado, organizado em blocos temáticos — Tecnologia, Infraestrutura, Processos, Recursos Humanos e Ambiente Externo —, para diagnóstico de vulnerabilidades e condições de segurança em ambientes industriais e agroindustriais.

Problema que resolve

A ausência de um roteiro técnico estruturado leva muitos profissionais a conduzir levantamentos de campo de forma intuitiva e não padronizada, deixando lacunas relevantes de cobertura e dificultando a comparação entre diagnósticos realizados em momentos diferentes.

O que o profissional aprende

Aprende a observar, levantar informações e organizar os achados de forma sistemática, aplicando uma metodologia de checklist explicado — cada bloco do checklist é acompanhado de orientação sobre o que avaliar e por quê, de sinais de alerta específicos daquele domínio, e de um espaço estruturado de registro (nota, vulnerabilidades, áreas críticas, nível de risco e plano de ação).

Como pode ser aplicado

Como guia de estudo, para compreender a lógica de um diagnóstico técnico de segurança patrimonial em ambiente industrial, ou como instrumento de campo, aplicado diretamente durante uma visita técnica.

Relação com os demais documentos

É a porta de entrada da arquitetura da série para ambientes industriais. Os achados registrados neste checklist alimentam diretamente o Documento nº 3 (Análise e Avaliação de Riscos).

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Uma das lições mais valiosas dos meus anos de campo é que o checklist nunca deveria ser tratado como formulário — é roteiro de investigação. Toda vez que apliquei este roteiro em uma planta industrial, encontrei ao menos uma vulnerabilidade que ninguém na própria operação havia percebido, simplesmente porque olhar de fora, com método, revela o que o olhar acostumado deixa passar.

6.2 Checklist Completo da Análise de Riscos — Condomínios

Documento nº 2 da série. Segue a mesma estrutura metodológica do checklist para indústria, adaptada às características específicas de condomínios residenciais e comerciais — incluindo blocos dedicados a segurança contra incêndio, portaria, controle de acesso e garagens, temas de menor relevância em ambientes industriais e de altíssima relevância em condomínios.

Problema que resolve

Um condomínio apresenta uma dinâmica de segurança fundamentalmente diferente da de uma planta industrial — maior circulação de pessoas não vinculadas à operação, áreas comuns de uso compartilhado, e exigências específicas de segurança contra incêndio em edificações verticais. Um checklist genérico não captura essas particularidades com a mesma profundidade.

O que o profissional aprende

A mesma lógica de diagnóstico estruturado do Documento nº 1, adaptada ao contexto residencial e comercial — com atenção especial a áreas como portaria, garagens, elevadores e segurança contra incêndio.

Como pode ser aplicado

Da mesma forma que o Documento nº 1: como material de estudo ou como instrumento de campo, neste caso aplicado especificamente a condomínios residenciais e comerciais.

Relação com os demais documentos

Assim como o Documento nº 1, alimenta diretamente o Documento nº 3 — cada checklist é a porta de entrada da arquitetura conforme o perfil do ambiente avaliado.

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Condomínio tem uma dinâmica muito própria — portaria, elevador, garagem, cada área com seu próprio padrão de risco. Aprendi, atendendo síndicos e administradoras ao longo da minha

trajetória, que o erro mais comum é aplicar no condomínio a mesma lógica usada em uma indústria. Foi essa diferença, percebida repetidamente em campo, que me levou a estruturar um checklist específico — e não uma simples adaptação do modelo industrial.

6.3 Análise e Avaliação de Riscos de Segurança Patrimonial

Documento nº 3 da série — o núcleo técnico da metodologia. Ensina a transformar os achados obtidos com os checklists (Documentos 1 e 2) em uma análise técnica estruturada, com base metodológica na ISO 31000 — Gestão de Riscos.

Problema que resolve

Levantar vulnerabilidades é apenas a primeira etapa. O passo mais desafiador — e mais frequentemente ausente na formação técnica de profissionais de segurança — é saber transformar esse levantamento em um laudo técnico capaz de sustentar decisões de investimento perante a alta administração.

O que o profissional aprende

A trabalhar com os conceitos centrais da análise de riscos: identificação, análise, avaliação, classificação e priorização. O documento ensina, capítulo a capítulo, como estruturar cada seção de um laudo completo de Análise e Avaliação de Riscos de Segurança Patrimonial — do objetivo à conclusão —, incluindo a construção de uma taxonomia de riscos, a atribuição técnica de probabilidade e impacto, e a consolidação de tudo em uma matriz de riscos.

Como pode ser aplicado

Como manual de referência para a redação de laudos técnicos de análise de riscos, aplicável a diferentes segmentos — indústria, condomínios, varejo, entre outros —, sempre com a devida adaptação ao contexto avaliado.

Relação com os demais documentos

Recebe os achados dos Documentos 1 e 2, e sua saída — a lista de riscos identificados, analisados e avaliados — alimenta diretamente o Documento nº 5 (Matriz de Risco 5x5) e o Documento nº 4 (Plano de Ação).

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Escrevi este documento pensando em todos os laudos que já revisei ao longo da minha carreira e que, apesar de tecnicamente corretos, não convenciam ninguém na sala de reunião. Um laudo de análise de riscos só tem valor real quando é capaz de sustentar uma decisão de investimento diante de um diretor cético — e é exatamente essa capacidade de convencimento técnico que busquei ensinar a construir neste material.

6.4 Plano de Ação — Recomendações de Segurança Patrimonial

Documento nº 4 da série. Ensina o profissional a transformar riscos priorizados em recomendações, prioridades e ações concretas — funcionando como a ponte entre o diagnóstico técnico e a decisão gerencial.

Problema que resolve

Um laudo de análise de riscos tecnicamente impecável ainda assim pode não gerar nenhuma mudança prática, se suas conclusões não forem traduzidas em recomendações claras, priorizadas e atribuíveis a responsáveis específicos. Este documento resolve exatamente essa lacuna entre “saber o que está errado” e “saber o que fazer a respeito”.

O que o profissional aprende

A redigir recomendações que geram ação — específicas, priorizadas, com responsável e prazo —, evitando o erro comum de recomendações vagas que raramente saem do papel.

Como pode ser aplicado

Diretamente após a conclusão de uma análise de riscos (Documento nº 3), para consolidar as recomendações técnicas em um plano de ação formal, apresentável à liderança da organização avaliada.

Relação com os demais documentos

Recebe os riscos priorizados do Documento nº 3 e da Matriz (Documento nº 5), e suas recomendações alimentam diretamente as diretrizes formalizadas no Documento nº 6 (Política de Segurança).

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Uma frase que repito com frequência em minhas mentorias: recomendação vaga nunca vira investimento aprovado. Aprendi, em mais de 25 anos atendendo diferentes lideranças, que a diferença entre um plano de ação que sai do papel e um que fica engavetado está sempre no nível de detalhe — responsável, prazo e critério de sucesso bem definidos.

6.5 Matriz de Risco 5x5 e Plano de Ação — Planilha Automatizada

Documento nº 5 da série — o instrumento operacional da metodologia. Diferente dos demais materiais, que são guias e manuais, este é uma ferramenta de trabalho direto: uma planilha automatizada.

Problema que resolve

Sem uma ferramenta estruturada, o acompanhamento de riscos identificados tende a ficar disperso entre relatórios estáticos, sem rastreabilidade de responsáveis, prazos e status das ações corretivas — o que compromete a gestão contínua dos riscos ao longo do tempo.

O que o profissional aprende

A operar uma ferramenta completa de gestão de riscos, com as seguintes funções: cadastro estruturado de riscos, classificação por probabilidade e impacto, visualização automática na matriz 5x5, priorização por criticidade, atribuição de responsáveis e prazos, e acompanhamento do status de tratamento de cada ação.

Como pode ser aplicado

Como ferramenta viva de gestão, atualizada continuamente à medida que novos riscos são identificados e ações corretivas avançam — não como um documento estático produzido uma única vez.

Relação com os demais documentos

Recebe os riscos analisados no Documento nº 3, organiza sua priorização, e conecta-se diretamente ao Documento nº 4 (Plano de Ação), fornecendo a estrutura de acompanhamento contínuo das recomendações.

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Antes de estruturar uma planilha própria, perdi a conta de quantas vezes vi matrizes de risco produzidas uma única vez, apresentadas em uma reunião, e nunca mais atualizadas. Uma matriz de riscos que não é revisitada não gerencia nada — ela apenas documenta um momento. Foi por isso que desenhei esta ferramenta como um instrumento vivo, e não como um retrato estático de uma única visita técnica.

6.6 Política de Segurança Patrimonial

Documento nº 6 da série. Ensina o profissional a transformar as conclusões da análise de riscos e as decisões estratégicas resultantes do plano de ação em diretrizes formais de segurança para a organização.

Problema que resolve

Decisões de segurança tomadas de forma pontual, sem formalização institucional, tendem a se perder ao longo do tempo — especialmente diante de mudanças de liderança ou de equipe. Uma política formal preserva essas decisões como diretriz permanente da organização.

O que o profissional aprende

A estruturar uma política de segurança patrimonial completa, que traduza os riscos identificados e as prioridades definidas em diretrizes institucionais claras, aplicáveis a toda a organização.

Como pode ser aplicado

Como modelo de referência para a elaboração da política formal de segurança patrimonial de uma organização, sempre adaptado à sua realidade, estrutura e riscos específicos.

Relação com os demais documentos

Recebe as recomendações consolidadas no Documento nº 4, e suas diretrizes são a base sobre a qual se constrói o Documento nº 7 (Manual de Normas e Procedimentos).

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Uma política de segurança bem escrita sobrevive à saída de quem a escreveu. Já vi decisões inteligentes de segurança se perderem simplesmente porque nunca foram formalizadas — bastou a saída de um gestor para que anos de aprendizado prático desaparecessem junto com ele. É essa permanência institucional que busquei garantir na estrutura deste documento.

6.7 Manual de Normas e Procedimentos de Segurança Patrimonial

Documento nº 7 da série. Ensina a transformar as diretrizes estabelecidas na política em normas, procedimentos, responsabilidades, rotinas e alçadas operacionais claras.

Problema que resolve

Uma política de segurança, por mais bem redigida que seja, não se traduz automaticamente em prática operacional consistente. Sem procedimentos claros, cada colaborador tende a interpretar e executar as diretrizes ao seu modo — o que compromete a padronização e a qualidade da resposta a incidentes.

O que o profissional aprende

A estruturar normas e procedimentos operacionais que padronizem a execução das diretrizes definidas na política, com definição clara de responsabilidades, rotinas e níveis de alçada para diferentes decisões.

Como pode ser aplicado

Como modelo de referência para a elaboração do manual de normas e procedimentos de segurança patrimonial de uma organização, detalhando rotinas específicas de controle de acesso, monitoramento, rondas, entre outras.

Relação com os demais documentos

Recebe as diretrizes formalizadas no Documento nº 6, e complementa-se com o Documento nº 8 nos aspectos relacionados a situações de emergência.

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Um padrão que aprendi a reconhecer rapidamente em qualquer diagnóstico: quando pergunto a três colaboradores diferentes como eles agiriam diante do mesmo cenário e recebo três respostas diferentes, sei que ali falta procedimento — não boa vontade. Este manual nasce dessa constatação, repetida em campo ao longo de toda a minha trajetória.

6.8 Plano de Resposta a Emergências de Segurança Patrimonial

Documento nº 8 da série. Estrutura a resposta da organização diante de eventos críticos, com base em protocolos, responsabilidades, escalonamento e comunicação, tendo como referências normativas a ISO 31000 e a ISO 22320.

Problema que resolve

Organizações sem um plano de resposta estruturado tendem a improvisar diante de emergências reais — o que amplia o tempo de reação, a confusão operacional e, em última instância, o dano decorrente do evento.

O que o profissional aprende

A estruturar protocolos de resposta a emergências, com definição clara de responsabilidades, fluxo de escalonamento e comunicação — preparando a organização para agir de forma coordenada diante de situações críticas, e não apenas para preveni-las.

Como pode ser aplicado

Como modelo de referência para a elaboração do plano de resposta a emergências específico de cada organização, considerando os riscos identificados nas etapas anteriores da metodologia.

Relação com os demais documentos

Complementa as normas e procedimentos do Documento nº 7 para os cenários de emergência, e suas conclusões alimentam a visão consolidada do Documento nº 9 (Plano Diretor).

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

Toda vez que participei da resposta a um incidente real, a diferença entre uma reação organizada e uma reação improvisada nunca esteve na gravidade do evento — esteve em quanto daquela resposta já havia sido ensaiada antes. Este documento existe para que a resposta da sua organização não seja testada, pela primeira vez, durante a própria emergência.

6.9 Guia de Elaboração do Plano Diretor de Segurança Patrimonial

Documento nº 9 da série — o documento de maior abrangência estratégica. Ensina o profissional a consolidar todo o conhecimento produzido ao longo dos documentos anteriores — diagnósticos, riscos, prioridades e diretrizes — em um planejamento estratégico de segurança de longo prazo.

Problema que resolve

Mesmo organizações com boa maturidade operacional de segurança frequentemente carecem de um documento estratégico que integre toda essa maturidade em uma visão de médio e longo prazo, capaz de orientar decisões estruturais e justificar investimentos perante a alta administração e o conselho.

O que o profissional aprende

A elaborar um Plano Diretor de Segurança Patrimonial, consolidando o diagnóstico, a análise de riscos, o plano de ação, a política e os procedimentos já desenvolvidos em uma visão estratégica coerente. O guia utiliza como referências a ISO 31000, o COSO ERM, o ASIS Protection of Assets, a ISO 22301 e a legislação brasileira aplicável.

Como pode ser aplicado

Como guia de elaboração do documento estratégico máximo da função de segurança patrimonial dentro de uma organização — normalmente elaborado após a maturidade alcançada com a aplicação dos demais documentos da série.

Relação com os demais documentos

É o ponto de chegada da arquitetura da série: recebe, direta ou indiretamente, contribuições de todos os oito documentos anteriores, consolidando-os em planejamento estratégico.

DA PRÁTICA DE CAMPO — Magna Fernandes

O Plano Diretor é o documento que, na minha experiência, mais separa gestores operacionais de gestores estratégicos. Não porque exija mais trabalho técnico — mas porque exige a coragem de olhar para todo o histórico de diagnósticos e decisões e transformá-lo em compromisso de longo prazo, apresentável ao conselho. É esse salto que busquei ensinar a dar neste guia.

PARTE 7

Como Utilizar a Metodologia

A Série Método Forthys pode ser utilizada de duas formas complementares — e a maioria dos profissionais, na prática, transita entre elas ao longo do tempo.

7.1 Utilização pedagógica

O profissional pode estudar os materiais de forma progressiva, seguindo a arquitetura apresentada na Parte 4, com o objetivo de desenvolver conhecimento estruturado sobre gestão de segurança patrimonial — mesmo sem uma aplicação prática imediata em vista.

Essa forma de utilização é especialmente recomendada para profissionais em desenvolvimento de carreira, que desejam se preparar tecnicamente para funções de maior responsabilidade antes de assumi-las.

7.2 Utilização prática

O profissional pode utilizar os documentos e ferramentas da série como apoio direto à estruturação de processos e atividades de segurança em sua organização — aplicando os checklists em uma visita técnica real, elaborando um laudo de análise de riscos efetivo, ou redigindo a política de segurança de sua própria empresa a partir do modelo de referência.

REGRA FUNDAMENTAL DE UTILIZAÇÃO PRÁTICA

Todos os modelos, checklists, planilhas e guias desta série devem ser adaptados à realidade específica da organização em que serão aplicados.

Nenhum documento deve ser utilizado de forma mecânica, sem julgamento técnico sobre sua aderência ao contexto avaliado.

A responsabilidade final pela análise, adaptação e aplicação do conteúdo cabe sempre ao profissional e à organização que o utiliza.

7.3 Uma recomendação de percurso

Para quem está iniciando o uso da série, recomenda-se a seguinte sequência de leitura e aplicação, alinhada à arquitetura apresentada na Parte 4:

1. Leia este documento de apresentação por completo, para compreender a arquitetura geral da metodologia.
2. Aplique o checklist correspondente ao seu ambiente (indústria ou condomínio) em uma visita técnica real ou em um estudo de caso.

3. Utilize o documento de Análise e Avaliação de Riscos para transformar os achados em um laudo técnico estruturado.
4. Utilize a Matriz de Risco 5x5 para classificar e priorizar os riscos identificados.
5. Elabore o Plano de Ação a partir dos riscos priorizados.
6. Avance para a Política de Segurança e o Manual de Normas e Procedimentos, quando a maturidade da organização permitir esse nível de formalização.
7. Estruture o Plano de Resposta a Emergências considerando os riscos críticos já identificados.
8. Quando a organização já tiver percorrido essas etapas, avance para o Guia de Elaboração do Plano Diretor de Segurança Patrimonial.

7.4 Documentos individuais x série completa

A compra individual

Todos os documentos da série podem ser adquiridos individualmente. Essa é uma solução direta para quem tem uma necessidade técnica específica e pontual — por exemplo, um profissional que precisa de uma ferramenta operacional imediata para classificar riscos já identificados por outros meios.

A compra individual não deve ser vista como uma opção inferior. Ela resolve, de forma objetiva, um problema concreto: “preciso de uma ferramenta específica”.

A série completa

Já a série completa atende quem deseja compreender a metodologia de forma integrada — não apenas obter uma ferramenta pontual, mas desenvolver domínio sobre todo o processo de análise e gestão de riscos de segurança patrimonial, da observação de campo ao planejamento estratégico.

Documento individual resolve uma necessidade. A série completa desenvolve uma visão.

Como decidir

Situação	Recomendação
Preciso de uma ferramenta específica agora	Documento individual correspondente
Quero compreender todo o processo de gestão de riscos de segurança patrimonial	Série completa
Já domino parte da metodologia e preciso de uma peça específica	Documento individual correspondente
Estou estruturando a função de segurança patrimonial da minha organização do zero	Série completa
Quero me preparar para uma posição de liderança em segurança	Série completa

Em ambos os casos, o profissional está acessando a mesma qualidade técnica de conteúdo — a diferença está na abrangência e na integração entre os materiais adquiridos.

7.5 Avaliação e Certificado de Capacitação

A aquisição da série completa poderá incluir uma avaliação online de conhecimento, permitindo ao profissional testar seu aprendizado sobre o conteúdo estudado ao longo da série.

A avaliação apresenta o percentual de acertos obtidos pelo profissional. Ao alcançar o percentual mínimo estabelecido de 70% de aproveitamento, o profissional recebe um Certificado de Capacitação, referente à Série Método Forthys — Gestão Estratégica da Segurança Patrimonial.

SOBRE O CERTIFICADO

O Certificado de Capacitação comprova a conclusão da jornada de estudo proposta pela série, dentro da metodologia do Método Forthys.

Não se trata de certificação profissional, habilitação, ou certificação reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC).

O certificado tem caráter de registro de desenvolvimento profissional continuado, não de credencial legal para o exercício de qualquer função regulamentada.

7.6 Sessão Estratégica

Quem adquire a série completa também tem direito a uma hora de Sessão Estratégica Online — um benefício pensado para apoiar a aplicação prática do conhecimento desenvolvido ao longo da série.

A sessão não deve ser compreendida como uma simples chamada de suporte técnico. Ela é, antes, uma oportunidade de orientação: um espaço para que o profissional discuta sua realidade específica, os desafios concretos que enfrenta na aplicação da metodologia, e as possibilidades de utilização mais adequadas ao seu contexto organizacional.

PARTE 8**Resultados Esperados**

Ao longo da Série Método Forthys, o profissional desenvolve competências organizadas em seis grandes grupos, que acompanham a evolução da arquitetura apresentada na Parte 4.

8.1 Competências de diagnóstico

- Levantamento estruturado de informações em campo.
- Observação técnica orientada por roteiro.
- Identificação de vulnerabilidades em diferentes dimensões: tecnologia, infraestrutura, processos, pessoas e ambiente externo.

8.2 Competências de análise

- Análise técnica de riscos de segurança patrimonial.
- Avaliação de probabilidade e impacto.
- Classificação de riscos segundo critérios técnicos consistentes.
- Priorização fundamentada de riscos identificados.

8.3 Competências de planejamento

- Elaboração de planos de ação orientados a resultado.
- Redação de recomendações específicas, priorizadas e atribuíveis.
- Definição de prioridades alinhadas à criticidade técnica dos riscos.

8.4 Competências de governança

- Elaboração de políticas institucionais de segurança.
- Estruturação de normas e procedimentos operacionais.
- Definição de responsabilidades e alçadas decisórias.

8.5 Competências de gestão de crise

- Estruturação de protocolos de resposta a emergências.
- Definição de fluxos de comunicação e escalonamento.
- Preparação organizacional para situações críticas.

8.6 Competências estratégicas

- Planejamento estratégico de segurança patrimonial de longo prazo.
- Visão sistêmica sobre a integração entre diagnóstico, operação e estratégia.
- Elaboração de Plano Diretor de Segurança.
- Tomada de decisão fundamentada tecnicamente, com capacidade de justificativa perante a alta administração.

SOBRE ESTE CONJUNTO DE COMPETÊNCIAS

Este conjunto de competências foi desenhado para acompanhar a trajetória natural de maturidade de um profissional de segurança patrimonial — do domínio técnico operacional (diagnóstico e análise) ao domínio de gestão (governança, crise e estratégia).

8.7 O diferencial da metodologia

Ao final da jornada proposta por esta série, espera-se que o profissional compreenda uma distinção central: existe uma diferença fundamental entre receber um modelo pronto e desenvolver um método de gestão.

Modelo pronto	Método de gestão
Preencher um documento sem entender o raciocínio técnico por trás dele.	Compreender o processo, adaptar à realidade e conduzir a gestão com autonomia técnica.
Depende de repetição mecânica de um formato.	Permite julgamento técnico próprio diante de contextos diferentes.
Perde valor quando o contexto muda.	Se adapta a diferentes segmentos, portes e realidades organizacionais.

Você não aprende apenas a preencher documentos. Você aprende a compreender o raciocínio que existe por trás da gestão da segurança patrimonial — o que torna esse conhecimento aplicável muito além dos modelos específicos entregues nesta série.

O diferencial da Série Método Forthys está em organizar cinco elementos em uma jornada lógica única, em vez de entregá-los de forma dispersa:

#	Elemento / Descrição
1	Conhecimento — A base técnica e conceitual de cada etapa da gestão de segurança patrimonial.
2	Método — A sequência lógica que organiza esse conhecimento em um processo replicável.
3	Ferramentas — Os instrumentos operacionais (checklists, planilhas, modelos) que tornam o método aplicável.
4	Aplicação — A orientação prática sobre como adaptar cada ferramenta à realidade específica de cada organização.
5	Visão estratégica — A capacidade de consolidar todo o processo em planejamento de longo prazo, no nível da alta gestão.

8.8 O Método Forthys como ecossistema

A Série Método Forthys — Gestão Estratégica da Segurança Patrimonial é parte de um projeto maior de desenvolvimento profissional, construído pela Forthys Empresarial ao longo de sua trajetória de atuação em segurança corporativa.

Séries já disponíveis ou em consolidação

Série / Tema	Status
1. Investigação Corporativa	Disponível
2. SLA e SLM na Segurança Patrimonial	Em desenvolvimento
3. Estatuto da Segurança Privada	Em desenvolvimento
4. Formação do Gestor de Segurança Privada	Em desenvolvimento
5. Gestão de Riscos Psicossociais	Em desenvolvimento

Novos temas em desenvolvimento

Além dos temas já mencionados, o Método Forthys está em construção contínua, ampliando seu ecossistema para cobrir outras competências estratégicas da gestão de segurança corporativa:

Continuidade de Negócios e Gestão de Crises

Depois que a empresa está protegida, como garantir que ela continue operando diante de incidentes?

Auditoria em Segurança Patrimonial

Como verificar se tudo o que foi implantado está funcionando?

Compliance em Segurança Corporativa

Como integrar segurança, ética, conformidade e governança?

Inteligência e Análise Estratégica

Como transformar dados da segurança em informação para a alta direção?

Liderança em Segurança Corporativa

Como gerir pessoas, contratos, indicadores e projetos de segurança?

SOBRE ESTES TEMAS

Os temas listados nesta seção representam áreas de desenvolvimento futuro do Método Forthys e não constituem, neste momento, produtos disponíveis para aquisição. A disponibilidade de cada série será comunicada oportunamente pela Forthys Empresarial.

A relação entre séries não é meramente comercial — é metodológica. A Série Investigação Corporativa, por exemplo, dialoga diretamente com esta série sempre que uma análise de riscos aponta indícios de desvio ou irregularidade que demandem apuração formal, e vice-versa: uma investigação corporativa frequentemente revela vulnerabilidades sistêmicas que retroalimentam a análise de riscos de segurança patrimonial.

O Método Forthys nasce para transformar conhecimento técnico em capacidade de aplicação.

Conclusão

A Série Método Forthys — Gestão Estratégica da Segurança Patrimonial não deve ser compreendida como uma coleção de documentos. É uma metodologia estruturada para apoiar o desenvolvimento de competências relacionadas à gestão da segurança patrimonial — da observação de campo ao planejamento estratégico de longo prazo.

Sua jornada parte do diagnóstico e evolui, de forma deliberada e conectada, para análise, avaliação, priorização, planejamento, normatização, preparação para emergências e, finalmente, estratégia. Cada um dos nove documentos que compõem a série ocupa um lugar específico nessa jornada — e é a compreensão dessa arquitetura completa, apresentada ao longo deste documento de apresentação, que transforma o uso da série de consulta pontual em desenvolvimento real de competência profissional.

Mas essa arquitetura, como a Parte 1 deste documento demonstrou, não nasceu em um escritório. Nasceu de quase três décadas de observação direta, erro, correção e aprendizado em campo — do primeiro contato com as fragilidades da segurança no varejo, em 1996, à experiência mais recente em estruturas complexas de terceirização, em 2025. Compreender essa origem é o que diferencia usar a Série Método Forthys como uma coleção de modelos, e usá-la como o que ela realmente é: uma metodologia testada, com autoria e história reconhecíveis por trás de cada recomendação.

Esperamos que, ao final da leitura deste documento, você não veja mais a Série Método Forthys como nove arquivos separados, mas como aquilo que ela realmente é: uma metodologia única, com começo, meio e direção definidos, construída a partir de mais de 25 anos de experiência prática em segurança empresarial.

Da identificação do risco à decisão estratégica: esse é o caminho proposto pelo Método Forthys.

A Forthys Empresarial permanece à disposição para apoiar organizações e profissionais na aplicação prática desta metodologia — seja por meio dos documentos que compõem esta série, da Sessão Estratégica disponível aos adquirentes da série completa, ou da Comunidade Exclusiva Método Forthys.